

Jonathan Franzen



PURITY

Romance

Tradução de
Francisco Agarez



D. QUIXOTE



PURITY
EM OAKLAND



SEGUNDA-FEIRA

«Oh, gatinha, que bom ouvir a tua voz», disse a mãe da rapariga pelo telefone. «O meu corpo está a atraíçar-me outra vez. Às vezes penso que a minha vida não é mais do que um longo processo de traições do corpo.»

«Não é o que acontece com toda a gente?», disse a rapariga, Pip. Tinha por hábito telefonar à mãe a meio do seu intervalo para almoço na Renewable Solutions. Dava-lhe um certo alívio da sensação de que não tinha jeito para aquela função, de que tinha uma função para a qual ninguém tinha jeito, ou de que era uma pessoa sem jeito para qualquer tipo de função; e depois, ao fim de vinte minutos, podia dizer honestamente que tinha de voltar ao trabalho.

«Tenho a pálpebra esquerda a fechar-se», explicou-lhe a mãe. «É como se tivesse um peso que a puxa para baixo, um minúsculo chumbo de pesca ou coisa assim.»

«Tens isso neste momento?»

«Vem e vai. Estou a pensar se não será paralisia de Bell.»

«Não sei o que é a paralisia de Bell, mas de certeza que não tens isso.»

«Se nem sequer sabes o que é, como podes ter tanta certeza, gatinha?»

«Não sei – será porque também não tiveste a doença de Graves? Hipertireoidismo? Melanoma?»

Não é que Pip tivesse prazer em gozar com a mãe. Mas as relações entre as duas eram sempre inquinadas pelo *risco moral*, uma frase útil que tinha aprendido na faculdade, na cadeira de economia. Era uma espécie de banco demasiado grande na economia da mãe para poder ir à falência, de funcionário demasiado indispensável para ser despedido por falta de atitude. Alguns dos seus amigos em Oakland também tinham pais problemáticos, mas conseguiam falar diariamente com eles sem deixarem transparecer excessiva estranheza, porque mesmo os mais problemáticos tinham recursos que não se limitavam a um filho único. Era esse o caso de Pip, no que à mãe dizia respeito.

«Bem, estou a ver que hoje não posso ir trabalhar», disse a mãe. «A minha Perseverança é a única coisa que torna aquele emprego suportável, e não consigo estabelecer contacto com a Perseverança quando tenho um *chumbo de pesca* invisível a puxar-me a pálpebra para baixo.»

«Tu não podes voltar a dar parte de doente, mãe. E se apanhas mesmo uma gripe, ou coisa assim?»

«E entretanto toda a gente pergunta porque é que há de ser esta velha com metade da cara a cair para o ombro a meter-lhes as compras nos sacos. Não imaginas a inveja que eu tenho do teu cubículo. A invisibilidade que ele dá.»

«Não vamos agora romantizar o cubículo», disse Pip.

«É o que os corpos têm de terrível. São tão *visíveis*, tão *visíveis*.»

A mãe de Pip estava sempre deprimida, mas não era louca. Havia mais de dez anos que conseguia aguentar o seu emprego de caixa no supermercado cooperativo New Leaf, em Felton, e bastava que Pip renunciasse ao seu modo pessoal de pensar e seguisse o da mãe para perceber perfeitamente o que ela lhe dizia. A única decoração que tinha na divisória cinzenta do seu cubículo era um autocolante de para-choques, AO MENOS A GUERRA CONTRA O AMBIENTE ESTÁ A CORRER BEM. Os cubículos das colegas estavam cobertos de fotos e recortes, mas Pip compreendia o fascínio da invisibilidade. Além disso,

estava à espera de ser despedida mais mês menos mês, e por isso não valia a pena acomodar-se.

«Já pensaste em como queres não-comemorar o teu não-aniversário?», perguntou à mãe.

«Com toda a franqueza, o que me apetecia era passar o dia na cama com os cobertores por cima da cabeça. Não preciso de que nenhum não-aniversário me lembre que estou a ficar velha. A minha pálpebra faz isso na perfeição.»

«E se eu te fizesse um bolo e fosse aí comê-lo contigo? Acho-te hoje mais deprimida do que é costume.»

«Quando te vejo não estou deprimida.»

«Ah, é uma pena eu não estar à venda em forma de pílula. Achas que consegues comer um bolo feito com estévia?»

«Não sei. A estévia tem um efeito esquisito na química da minha boca. Diz-me a experiência que é impossível enganar uma papila gustativa.»

«O açúcar também deixa um gosto na boca», disse Pip, mesmo sabendo que era inútil argumentar.

«O açúcar deixa um gosto *amargo* com que a papila gustativa não tem nenhum problema, porque foi feita para acusar o amargor sem perder tempo com isso. A papila gustativa não tem de ficar cinco horas a acusar estranheza, estranheza! Que foi o que me aconteceu na única vez que bebi um refresco adoçado com estévia.»

«Mas o que eu estou a dizer é que o amargor fica na boca.»

«Passa-se qualquer coisa de muito errado quando a papila gustativa ainda acusa estranheza cinco horas depois de bebermos um refresco com adoçante. Sabes que, se fumares cristais de metanfetamina, mesmo que seja só uma vez, toda a química do teu cérebro se altera para a vida inteira? Eu tenho o mesmo problema com a estévia.»

«Eu não estou para aqui a fumar uma cachimbada de metanfetamina, se é isso que queres dizer.»

«O que eu quero dizer é que não preciso do bolo.»

«Deixa estar que eu descubro outro tipo de bolo. Desculpa ter sugerido um que para ti é *veneno*.»

«Eu não disse que era veneno. Só disse que a estévia tem um efeito esquisito...»

«Na química da tua boca, já sei.»

«Ouve, gatinha, eu como qualquer bolo que me trouxeres, o açúcar refinado não me vai matar, não quero é que fiques aborrecida. Por favor, gatinha.»

Nenhum telefonema ficava completo sem que as duas se infernisassem mutuamente. O problema, no entender de Pip – o essencial do *handicap* com que vivia; a causa presumível da sua incapacidade de fazer bem o que quer que fosse – era que amava a mãe. Tinha pena dela; sofria com ela; enternecia-se ao ouvir-lhe a voz; sentia uma preocupante espécie de atração não sexual pelo corpo dela; preocupava-se até com a química da sua boca; desejava que ela fosse mais feliz; detestava aborrecê-la; achava-a querida. Era este o bloco de granito maciço que ocupava o centro da sua vida, a fonte de toda a raiva e sarcasmo que dirigia não apenas à mãe, mas também, com efeitos cada vez mais devastadores para si mesma nos últimos tempos, a alvos menos apropriados. Quando Pip se zangava não era com a mãe, mas sim com o bloco de granito.

Tinha oito ou nove anos quando se lembrou de perguntar por que razão o seu aniversário era o único que se comemorava na pequena cabana em que viviam, na floresta de sequoias dos arredores de Felton. A mãe respondera que não tinha aniversário; o único que lhe interessava era o de Pip. Mas Pip moera-lhe a cabeça até ela aceder a comemorar o solstício de verão com um bolo a que chamariam de não-aniversário. Daqui nascera a questão da idade da mãe, que esta se recusava a revelar, dizendo simplesmente, com um sorriso próprio de quem estava a formular um enigma budista: «Tenho a idade suficiente para ser tua mãe.»

«Sim, mas que idade tens *de facto*?»

«Olha para as minhas mãos», disse-lhe a mãe. «Se treinares, podes aprender a dizer a idade de uma mulher pelas suas mãos.»

E assim – porventura pela primeira vez – tinha olhado para as mãos da mãe. As costas não eram rosadas e opacas como a pele das suas. Era como se os ossos e as veias estivessem a abrir caminho para

a superfície; como se a pele fosse água que recua e deixa a descoberto as formas do fundo de uma enseada. Apesar de ter um cabelo espesso e muito comprido, algumas madeixas eram secas e grisalhas, e a pele abaixo da garganta parecia um pêssego a passar de maduro. Nessa noite, Pip deitou-se mas ficou acordada, com a preocupação de que a mãe pudesse morrer em breve. Era a sua primeira premonição do bloco de granito.

Desde então começou a desejar ardentemente que a mãe tivesse um homem na sua vida, ou qualquer outra pessoa que a amasse.

Com o correr dos anos, os potenciais candidatos haviam incluído Linda, a vizinha do lado, também ela mãe solteira e também ela estudante de sânscrito, o talhante do New Leaf, Ernie, que era *vegan* como ela, a pediatra Vanessa Tong, cuja atração irresistível pela mãe de Pip tomara forma na tentativa de a interessar pela observação de aves, e o barbudo biscateiro Sonny, que não perdia a ocasião de nenhum trabalho de reparação, por pequeno que fosse, para discorrer sobre os modos de vida das gentes do antigo Pueblo. Todas estas pessoas bem-intencionadas do Vale de São Lourenço tinham vislumbrado na mãe de Pip aquilo que ela própria, no início da sua adolescência, tinha visto e de que se tinha orgulhado: uma espécie indefinível de grandeza. Uma pessoa não precisa de escrever para ser poeta, não precisa de criar coisas para ser artista. A Perseverança espiritual da mãe de Pip era em si mesma um tipo de arte – uma arte da invisibilidade. Nunca teve televisão na cabana, e computador só quando Pip fez doze anos; a principal fonte de notícias da mãe era o *Santa Cruz Sentinel*, que lia pelo pequeno prazer quotidiano de se horrorizar com o mundo. Isto não era, em si mesmo, nada invulgar no Vale. O problema era que a mãe de Pip deixava transparecer uma tímida crença na sua própria grandeza, ou pelo menos agia como se em tempos tivesse sido grande, num passado anterior a Pip sobre o qual se recusava terminantemente a falar. Humilhava-a, mais do que a ofendia, que a sua vizinha Linda pudesse comparar o filho, Damian, que apanhava rãs e respirava pela boca, com a sua Pip, singular e perfeita. Imaginava que o talhante ficaria definitivamente destruído se lhe dissesse que ele lhe cheirava à carne do

talho, mesmo depois de tomar um duche; sentia-se infelicíssima por se esquivar aos convites de Vanessa Tong em vez de admitir muito simplesmente que tinha medo de aves; e, sempre que a carrinha de suspensão elevada de Sonny entrava no caminho de acesso à sua casa, obrigava Pip a ir abrir-lhe a porta enquanto fugia pelas tra-seiras para o meio das sequoias. Aquilo que lhe permitia o luxo de ser impossivelmente seletiva era Pip. Não se cansava de deixar isso claro: Pip era a única pessoa que estava à altura dos seus critérios de exigência, a única pessoa que amava.

Como seria de prever, tudo isto se transformou num motivo de intenso embaraço quando Pip chegou à adolescência. E nessa altura já estava demasiado ocupada a odiar e a castigar a mãe para se aperceber dos danos que a irredutibilidade desta estava a provocar nas suas perspectivas de vida. Não teve ninguém que lhe dissesse que, se a sua intenção era começar a fazer alguma coisa de útil pelo mundo, talvez a melhor ideia não fosse tirar um curso universitário e ficar com uma dívida de cento e trinta mil dólares às costas. Ninguém a preveniu de que o número a ter em atenção quando estava a ser entrevistada por Igor, o chefe do departamento de angariação de clientes da Renewable Solutions, não era os «trinta ou quarenta mil dólares» em comissões que previa que ela pudesse ganhar logo no primeiro ano, mas sim os vinte e um mil dólares de ordenado anual de base que lhe oferecia, nem de que talvez um vendedor persuasivo como Igor também fosse especialista em vender empregos da treta a raparigas ingénuas de vinte e um anos.

«Quanto ao fim de semana», disse Pip em voz seca, «aviso-te desde já que quero falar contigo sobre um assunto de que tu não gostas de falar.»

A mãe deu uma gargalhada breve com a intenção de ser simpática, de se mostrar indefesa.

«Só há um assunto sobre o qual não gosto de falar contigo.»

«Pois bem, é exatamente sobre esse que eu quero falar. Já ficas avisada.»

Perante isto, a mãe não disse nada. Em Felton já o nevoeiro se teria dissipado entretanto, o nevoeiro que todos os dias a

mãe lamentava ver desaparecer, porque deixava a descoberto um mundo radioso a que preferia não pertencer. Era na segurança da manhã cinzenta que melhor exercitava a sua Perseverança. Agora o Sol iria abrir, pintado de verdes e dourados pelo filtro das finas agulhas das sequoias, com o calor do verão a insinuar-se pelas janelas de rede do alpendre adormecido e a ir cobrir a cama que Pip reivindicara para si como adolescente ciosa da sua privacidade, relegando a mãe para um divã na sala de estar, até ir para a faculdade e a mãe retomar posse dela. Provavelmente, neste momento, estava na cama a exercitar a sua Perseverança. Se assim fosse, só voltaria a falar quando alguém lhe dirigisse a palavra; limitar-se-ia a respirar.

«Não é nada de pessoal», disse Pip. «Eu não vou para lado nenhum, mas preciso de dinheiro, e tu não o tens, e eu não o tenho, e só me ocorre um sítio onde possa arranjá-lo. Só há uma pessoa que, inclusive teoricamente, me *deve* dinheiro. Portanto, é disso que vamos falar.»

«Mas, gatinha», disse a mãe com tristeza, «tu sabes que eu não vou fazer isso. Lamento que precisas de dinheiro, mas não se trata aqui de eu gostar ou não gostar. Trata-se de poder ou não poder. E eu não posso, por isso é melhor pensarmos noutra solução.»

Pip franziu o sobrolho. Às vezes sentia necessidade de estrebuchar na camisa de forças circunstancial em que se vira metida dois anos antes, de verificar se haveria um pouco mais de espaço nas mangas. E de todas as vezes encontrava-a exatamente tão apertada como dantes. Continuava a dever cento e trinta mil dólares, continuava a ser o único amparo da mãe. Chegava a ser notável a forma instantânea e total como se vira aprisionada no momento em que terminavam os quatro anos de liberdade passados na universidade; teria ficado deprimida, se pudesse dar-se ao luxo de se deprimir.

«Então pronto, agora vou desligar», disse para o bocal do telefone. «E tu arranja-te e vai trabalhar. Se calhar, os olhos só te estão a dar problemas porque não andas a dormir o suficiente. Às vezes acontece-me isso quando não durmo.»

«A sério?», disse a mãe, ansiosa. «Tu também tens isto?»

Embora soubesse que ia prolongar o telefonema, e possivelmente tornar a conversa extensível às doenças genéticas hereditárias, e certamente obrigá-la a uma boa dose de pequenas mentiras, Pip decidiu que seria melhor para a mãe pensar em insónias do que na paralisia de Bell, quanto mais não fosse porque, como lhe vinha dizendo nos últimos anos sem que isso adiantasse alguma coisa, havia medicamentos que ela podia tomar para as insónias. Mas o resultado foi que, quando Igor meteu a cabeça no cubículo de Pip, à 1:22 da tarde, ela ainda estava ao telefone.

«Mãe, desculpa, vou ter de desligar já. Adeus», e desligou.

Igor estava a Olhar para ela. Era um russo loiro, com uma barba que dava para confiar, injustamente lindo, e, para Pip, a única razão concebível para não a ter despedido era que se comprazia com a perspectiva de a comer, e no entanto tinha a certeza de que, se alguma vez as coisas chegassem a esse ponto, acabaria humilhada em menos de um fósforo, porque ele não era apenas lindo mas generosamente bem pago, ao passo que ela era uma rapariga que só tinha problemas. E tinha a certeza de que ele também sabia disso.

«Peço *desculpa*», disse-lhe ela. «Peço desculpa por ter ultrapassado o intervalo em sete minutos. A minha mãe teve um problema de saúde.» Pensou no que tinha dito. «Aliás, esquece o que eu disse, não peço desculpa. Quais são as hipóteses de eu conseguir um novo aderente em sete minutos?»

«Eu estava com ar de censura?», disse Igor, batendo as pestanas.

«Então porque é que espreitaste? Porque é que estás a olhar para mim dessa maneira?»

«Pensei que talvez quisesses jogar às Vinte Perguntas.»

«Não me parece.»

«Tu tentas adivinhar o que eu quero de ti, e eu limito as minhas respostas a um inócuo sim ou não. O resultado só pode ter sins e não.»

«Queres ser processado por assédio sexual?»

Igor riu-se, satisfeito consigo próprio. «Essa é não! Tens mais dezanove perguntas.»

«Eu não estou a brincar quando falo do processo. Tenho um amigo em direito que diz que basta tu criares o clima.»

«Isso não é uma pergunta.»

«Como hei de explicar-te que não acho graça nenhuma a isto?»

«Só perguntas de resposta sim ou não, por favor.»

«Santo Deus. Vai-te embora.»

«Preferes falar sobre o desempenho que tiveste em maio?»

«Vai-te embora. Vou já agarrar-me ao telefone.»

Quando Igor virou costas, Pip abriu a sua lista de contactos no computador, olhou para ela com enfado e voltou a minimizá-la. Em quatro dos seus vinte e dois meses de trabalho na Renewable Solutions, tinha conseguido ser apenas penúltima, e não última, no quadro branco onde eram registados os «pontos de angariação» dela e das colegas. Talvez não por coincidência, quatro em vinte e duas vezes era aproximadamente a frequência com que olhava para o espelho e via uma pessoa bonita, em vez de alguém que, se fosse qualquer pessoa que não ela, talvez pudesse ser considerada bonita mas, como se tratava dela, não era. Tinha sem dúvida herdado alguns dos problemas da mãe com o corpo, mas ao menos no seu caso tinha a prova provada da sua experiência com rapazes para lhe dar razão. Muitos se sentiam verdadeiramente atraídos por ela, poucos não acabavam por pensar que se passava algo de errado com ela. Igor levava dois anos a tentar descobrir o quê. Estava constantemente a estudá-la como ela se estudava ao espelho: «Ontem parecia bonita, e no entanto...»

Dos tempos de faculdade, Pip tinha ficado com a ideia – a sua mente era como um balão com eletricidade estática, atraía ideias aleatórias que passassem por ela a flutuar – de que o suprassumo da civilização era passar a manhã de domingo num café a ler um exemplar em papel da edição dominical do *New York Times*. Este tinha passado a ser o seu ritual semanal e de facto, de onde quer que lhe tivesse vindo a ideia, era nas suas manhãs de domingo que se sentia mais civilizada. Por muito tarde que se deitasse depois de uma noite de copos, comprava o *Times* às oito da manhã, levava-o para o Peet's Coffee, pedia um *scone* e um *cappuccino* duplo, ia sentar-se na sua

mesa preferida a um canto e, feliz, esquecia-se de si própria durante algumas horas.

No inverno anterior, no Peet's, tinha reparado que havia um rapaz magro e bem-parecido com o mesmo ritual de domingo. Ao fim de poucas semanas, em vez de ler as notícias, estava a pensar na imagem que dava ao rapaz enquanto lia, e se havia de levantar os olhos e apanhá-lo a olhar, até que se tornou claro que, de duas uma, ou falava com ele ou tinha de descobrir outro café. Na primeira vez em que os olhares dos dois se cruzaram, ela esboçou um meneio de cabeça convidativo que lhe saiu tão forçado e estudado que ficou perplexa ao verificar que tinha funcionado instantaneamente. O rapaz veio direito a ela e propôs-lhe sem rodeios que, já que ali estavam os dois todas as semanas à mesma hora, comessem a comprar o jornal a meias e a salvar uma árvore.

«E se quisermos os dois ler a mesma secção?», disse Pip com uma certa hostilidade.

«Tu já cá estavas quando eu cheguei», disse o rapaz, «por isso podias ter a primazia.» Prosseguiu, queixando-se de que os pais, lá em College Station, no Texas, tinham o hábito perdulário de comprar dois exemplares da edição de domingo do *Times* para não terem de discutir por causa das secções.

Pip, como um cão que da linguagem humana apenas conhece o seu nome e cinco palavras simples, só ouviu que o rapaz pertencia a uma normal família biparental com dinheiro para estragar. «Mas este é praticamente o único tempo que tenho para mim em toda a semana», disse.

«Peço desculpa», disse o rapaz, recuando. «Pareceu-me que querias dizer alguma coisa.»

Pip não sabia senão ser hostil para com os rapazes da sua idade que se mostravam interessados nela. Em parte porque a única pessoa no mundo em quem confiava era a mãe. Das suas experiências no liceu e na faculdade tinha aprendido que quanto mais simpático era o rapaz mais doloroso seria para ambos quando ele chegasse à conclusão de que estava perante uma pessoa muito mais complicada do que a simpatia dela o levava a pensar que fosse.

O que ainda não tinha aprendido era a não querer que os rapazes fossem simpáticos com ela. Os não-simpáticos tinham uma arte especial de detetar esta falha e explorá-la. Por isso, nem os simpáticos nem os não-simpáticos eram dignos de confiança, e ainda por cima Pip não os distinguiu muito bem quando estava com eles na cama.

«Talvez pudéssemos tomar café noutra altura», disse ao rapaz. «Noutra manhã que não de domingo.»

«Claro», disse ele, sem convicção.

«Porque agora, que já nos falámos, não precisamos de estar sempre a olhar um para o outro. Podemos ler cada um o seu exemplar do jornal, como os teus pais.»

«Já agora, o meu nome é Jason.»

«Eu sou a Pip. E agora, que sabemos o nome um do outro, é que não precisamos mesmo de estar sempre a olhar um para o outro. Eu posso pensar, oh, aquele é só o Jason, e tu podes pensar, oh, aquela é só a Pip.»

Ele riu-se. Acontecia que era licenciado em matemática por Stanford e estava a viver o sonho de qualquer matemático, trabalhar numa fundação que promovia os conhecimentos de aritmética dos americanos, ao mesmo tempo que tentava escrever um manual com que esperava poder revolucionar o ensino da estatística. Depois de dois encontros, ela já gostava dele o suficiente para pensar que o melhor era ir com ele para a cama antes que um dos dois se magoasse. Se esperasse demasiado, Jason descobria que ela era um novelo de dívidas e deveres e punha-se a milhas. Ou então tinha de lhe dizer que os seus sentimentos mais profundos iam para um tipo mais velho que não só não acreditava no dinheiro – nomeadamente na moeda americana; na simples posse dessa moeda – como ainda por cima era casado.

Para não ser totalmente hermética, falou a Jason no «trabalho» voluntário que nas horas livres fazia sobre desarmamento nuclear, um assunto que ele deu a impressão de conhecer tanto melhor do que ela, apesar de ser o «trabalho» *dela* e não dele, que Pip se tornou ligeiramente agressiva. Felizmente, ele era um grande conversador,

entusiasta de Philip K. Dick, da série *Breaking Bad*, de lontras marinhas e leões da montanha, de matemática aplicada à vida quotidiana, e principalmente do seu método geométrico de pedagogia da estatística, que explicou tão bem que ela quase o compreendeu. Na terceira vez que se encontraram, num restauantezinho chinês onde se viu obrigada a fingir que não tinha fome porque ainda não lhe tinha caído na conta o ordenado da Renewable Solutions, ela viu-se numa encruzilhada: ou correr o risco da amizade ou refugiar-se na segurança do sexo ocasional.

À porta do restaurante, debaixo de um nevoeiro ligeiro, na paca-tez da Telegraph Avenue num fim de tarde de domingo, atirou-se a Jason e ele reagiu com avidez. Sentiu o estômago em alvoroço quando ele a apertou contra o seu; esperava que ele não ouvisse.

«Queres ir para tua casa?», murmurou-lhe ao ouvido.

Jason disse que não, infelizmente, tinha uma irmã que estava de visita.

Ao ouvir a palavra *irmã*, o coração de Pip teve uma contração de hostilidade. Como não tinha irmãos nem irmãs, não podia deixar de se insurgir contra as exigências e o potencial de apoio dos irmãos e irmãs dos outros; a normalidade da família nuclear deles, o património hereditário de intimidade.

«Podemos ir para minha casa», disse então, um pouco contrariada. E estava tão absorta no ressentimento contra a irmã de Jason por lhe vedar o acesso ao quarto dele (e, por extensão, ao seu coração, se bem que não aspirasse particularmente a ter um lugar nele), tão angustiada com a sua situação enquanto descia a Telegraph Avenue de mão dada com Jason, que só quando chegaram à porta da sua casa se lembrou de que não podiam ir para lá.

«Oh», disse. «Oh. Importas-te de esperar um segundo cá fora enquanto eu resolvo um assunto?»

«Não me importo nada», disse Jason.

Ela deu-lhe um beijo de gratidão, e daí passaram a dez minutos de carícias e marmelada nos degraus da entrada, durante os quais Pip se entregou por completo ao prazer de ser afagada por um rapaz escorreito e altamente competente como Jason, até que

o estômago lhe deu um ronco perfeitamente audível que a acordou para a realidade.

«É só um segundo, está bem?», disse.

«Tens fome?»

«Não. Ou talvez tenha alguma. Mas no restaurante não tinha.»

Enfiou a chave na fechadura e entrou em casa. Na sala de estar, o seu companheiro de casa esquizofrénico, Dreyfuss, estava a ver um jogo de basquetebol com o seu companheiro de casa deficiente, Ramón, num televisor recolhido no lixo cujo conversor digital um terceiro companheiro de casa, Stephen, aquele por quem estava mais ou menos apaixonada, tinha arranjado numa transação de rua. O corpo de Dreyfuss, inchado pela medicação que até à data tivera o bom senso de tomar, enchia um cadeirão baixo, também recolhido no lixo.

«Pip, Pip», exclamou Ramón, «Pip, que vais fazer agora, disseste que me ajudavas no meu vocabulário, queres ajudar-me agora?»

Pip pôs um dedo à frente dos lábios, e Ramón bateu com as mãos na boca.

«Isso mesmo», disse Dreyfuss em voz baixa. «Ela não quer que ninguém saiba que está aqui. E porque será? Será porque os espões alemães estão na cozinha? Utilizo a palavra *espões* sem grande rigor, evidentemente, embora talvez não sem alguma razão, dado que o Grupo de Estudos de Desarmamento de Oakland tem perto de trinta e cinco elementos, dos quais a Pip e o Stephen não são de maneira nenhuma os menos dispensáveis, e no entanto a casa que os alemães escolheram para distinguir com o seu zelo e a sua intromissão, tão tipicamente alemães, já lá vai quase uma semana, foi a nossa. Facto curioso, a merecer reflexão.»

«Dreyfuss», sussurrou Pip, aproximando-se mais dele para não ter de levantar a voz.

Dreyfuss pousou placidamente as mãos entrelaçadas sobre a barriga e continuou a falar para Ramón, que nunca se cansava de o ouvir. «Será que a Pip quer evitar conversar com os espões alemães? Talvez especialmente esta noite? Em que trouxe para casa um jovem cavalheiro que esteve uns bons quinze minutos a oscular nos degraus da entrada?»

«*Tu é que és o espião*», sussurrou Pip furiosamente. «Detesto que andes a espiar.»

«Ela detesta que eu observe coisas em que nenhuma pessoa inteligente pode deixar de reparar», explicou Dreyfuss a Ramón. «Observar aquilo que está à vista de toda a gente não é espiar, Ramón. E talvez os alemães também estejam a fazer só isso. Mas o que constitui um espião é o *motivo*, e aí, Pip...» Virou-se para ela. «Aí o meu conselho seria que te perguntasses o que estão estes alemães intrometidos e zelosos a fazer em nossa casa.»

«Não paraste de tomar os medicamentos, pois não?», sussurrou-lhe Pip.

«*Oscular*, Ramón. Aí tens uma bela palavra para o teu vocabulário.»

«O qu' é qu'isso quer dizer?»

«Ora, quer dizer *beijar*. *Beijar na boca. Arrancar beijos pela raiz.*»

«Vais ajudar-me no meu vocabulário, Pip?»

«Acho que ela tem outros planos para esta noite, meu amigo.»

«Não, querido, agora não», sussurrou Pip a Ramón, e depois, a Dreyfuss, «Os alemães estão cá porque nós os convidámos, porque tínhamos espaço. Mas tens razão, não quero que lhes digas que estou aqui.»

«Que te parece, Ramón?», disse Dreyfuss. «Vamos ajudá-la? Ela não te vai ajudar no vocabulário.»

«Oh, pelo amor de Deus. Ajuda-o tu. Tu é que tens um grande vocabulário.»

Dreyfuss voltou-se outra vez para Pip e olhou-a fixamente, com uns olhos em que só havia intelecto, nenhum afeto. Era como se os medicamentos que tomava lhe controlassem a doença tão eficazmente que evitava que ele desatasse a chacinar pessoas na rua com um sabre, mas não o suficiente para lhe apagar essa intenção do olhar. Stephen tinha garantido a Pip que Dreyfuss olhava para toda a gente da mesma forma, mas ela continuava a pensar que, se ele parasse de tomar os medicamentos, seria atrás dela que ia com um sabre ou com o que quer que fosse, seria a ela que atribuía os problemas do mundo, a conspiração de que se dizia vítima; e, pior ainda, estava convencida de que ele detetava alguma parte de verdade na sua falsidade.

«Estes alemães e a espionagem deles não me agradam», disse-lhe Dreyfuss. «A primeira coisa em que pensam quando entram numa casa é como podem apoderar-se dela.»

«São ativistas a favor da paz, Dreyfuss. Já deixaram de tentar ser conquistadores do mundo há setenta anos, mais ou menos.»

«Quero que tu e o Stephen os mandem embora.»

«Está bem! Nós mandamos. Mais tarde. Amanhã.»

«Nós não gostamos dos alemães, pois não, Ramón?»

«Gostamos de ser só os cinco, como uma família», disse Ramón.

«Bem... uma família não. Não é bem isso. Não. Cada um tem a sua família, não é verdade, Pip?»

Dreyfuss voltou a olhá-la fixamente, significativamente, deliberadamente, sem nenhum calor humano – ou seria simplesmente sem nenhum resquício de desejo? Não seria assim que olharia para ela, friamente, qualquer homem que tivesse o sexo completamente suprimido? Ela aproximou-se de Ramón e pousou-lhe as mãos nos ombros gordos e descaídos. «Ramón, querido, esta noite estou ocupada», disse-lhe. «Mas amanhã estou em casa toda a noite. OK?»

«OK», disse ele, confiando totalmente nela.

Ela correu para a porta da rua e mandou entrar Jason, que soprava para as mãos em concha. Vendo-os atravessar a sala de estar, Ramón voltou a bater com as mãos na boca, em confirmação de que ia guardar segredo, enquanto Dreyfuss, impassível, via o basquetebol. Eram muitas as coisas que Jason podia ver na casa e muito poucas aquelas que Pip gostaria que ele visse, e Dreyfuss e Ramón tinham cada um o seu cheiro, Dreyfuss a ranço, Ramón a urina, a que ela estava habituada mas as visitas não. Pip subiu rapidamente as escadas em bicos de pés, na esperança de que Jason percebesse que tinha de se apressar e não fazer barulho. Do outro lado de uma porta fechada no primeiro andar chegaram-lhes as cadências habituais de Stephen e a mulher trocando invetivas.

No seu pequeno quarto, no segundo andar, Pip encaminhou Jason para o colchão sem acender a luz, porque não queria que ele visse como era pobre. Era horrivelmente pobre, mas os lençóis estavam limpos; era rica em limpeza. Quando, um ano antes, se tinha

mudado para o quarto, tinha esfregado até ao último centímetro o soalho e o parapeito de janela, usando um frasco de detergente desinfetante, e, quando havia recebido a visita dos ratos, Stephen havia-lhe ensinado que a melhor maneira de os manter à distância era tapar todas as entradas possíveis e imagináveis com palha de aço, e no fim havia esfregado outra vez o soalho. Mas agora, que, quando já tinha tirado a *T-shirt* a Jason pelos ombros ossudos e deixado que ele a despisse, e quando já estavam entregues a vários e agradáveis preliminares, Pip se lembrou de que os únicos preservativos que possuía estavam na bolsa de produtos de higiene que deixara no quarto de banho do rés do chão antes de sair, porque os alemães haviam ocupado o quarto de banho que ela usava normalmente, a sua preocupação com a higiene transformava-se em mais um obstáculo. Deu um beijo na ponta impecavelmente circuncidada da ereção de Jason, murmurou «Desculpa, dá-me só um segundo, eu já volto», deitou a mão a um roupão que só quando ia a meio do último lanço de escadas acabou de vestir e apertar, e apercebeu-se de que não tinha explicado aonde ia.

«Foda-se», disse, parando a meio das escadas. Nada em Jason lhe havia sugerido promiscuidade desenfreada, e ainda tinha uma receita válida para a pílula do dia seguinte, e naquele momento teve a sensação de que o sexo era a única coisa na sua vida em que era razoavelmente competente; mas tinha de tentar manter o corpo limpo. Apossou-se dela a autocompaixão, uma convicção de que para mais ninguém, a não ser para ela, o sexo tinha uma logística tão difícil de gerir, era um peixe saboroso com tantas espinhas pequenas. Atrás de si, do outro lado da porta do quarto de casal, a mulher de Stephen falava de retidão moral em voz alta.

«Com a retidão moral posso eu bem», interrompeu-a Stephen, «quando a alternativa é pactuar com um plano divino que reduz quatro mil milhões de pessoas à miséria.»

«É essa a essência da retidão moral!», grasnou a mulher.

A voz de Stephen despertou em Pip um desejo maior do que sentia por Jason, e rapidamente concluiu que não podia ser acusada de sobrançeria moral – era antes um caso de baixa autoestima moral,

já que o homem que realmente queria não era aquele com quem agora estava decidida a foder. Desceu em bicos de pés até ao rés do chão e passou pelas pilhas de materiais de construção recolhidos do lixo que se acumulavam no corredor. Na cozinha, a alemã, Annagret, falava em alemão. Pip disparou para o quarto de banho, enfiou uma tira de três preservativos no bolso do roupão, espreitou para o corredor e recolheu rapidamente a cabeça: Annagret estava à porta da cozinha.

Annagret era uma beldade de olhos negros e tinha uma voz agradável, que baralhava os preconceitos de Pip sobre a fealdade da língua alemã e os olhos azuis dos seus falantes. Ela e o namorado, Martin, estavam a passar férias em vários bairros de lata americanos, alegadamente com o objetivo de chamar a atenção para a sua organização internacional de ocupas e criar laços com o movimento antinuclear americano, mas principalmente, ao que parecia, para tirar fotografias um ao outro diante de murais otimistas dos guetos. Na noite da terça-feira anterior, num jantar da comunidade a que Pip não tivera hipótese de faltar, porque era a sua vez de cozinhar, a mulher de Stephen havia-se travado de razões com Annagret a propósito do programa de armamento nuclear de Israel. A mulher de Stephen era uma daquelas pessoas que tomavam como ofensa pessoal a beleza das outras (o facto de não ter nada contra Pip, antes tentar ser maternal com ela, confirmava a avaliação pouco animadora que Pip fazia da sua própria aparência), e o encanto espontâneo de Annagret, mais acentuado do que prejudicado pelo seu corte de cabelo irreverente e pelos vários *piercings* nas sobrancelhas, havia perturbado de tal maneira a mulher de Stephen que esta desatou a dizer coisas flagrantemente falsas sobre Israel. Como se dava o caso de o programa de armamento nuclear de Israel ser o único assunto relativo ao desarmamento sobre o qual Pip estava bem documentada, por ter recentemente elaborado um relatório sobre ele para o grupo de estudos, e como também tinha uns ciúmes enormes da mulher de Stephen, lançou-se num eloquente resumo de cinco minutos sobre as provas da capacidade nuclear de Israel.

Por ridículo que pareça, isto havia fascinado Annagret. Declarando-se «super impressionada» com Pip, arrancou-a ao convívio dos outros e levou-a para a sala de estar, onde se sentaram no sofá e tiveram uma longa conversa de raparigas. As atenções de Annagret tinham qualquer coisa de irresistível, e quando desatou a falar sobre o famoso fora da lei da Internet Andreas Wolf, que por acaso conhecia pessoalmente, e a dizer que Pip era exatamente o tipo de jovem de que o Projeto Luz Solar de Wolf estava a precisar, e a insistir com Pip para que deixasse o emprego em que era miseravelmente explorada e se candidatasse a um dos estágios remunerados que o Projeto Luz Solar estava a oferecer, e a dizer que muito provavelmente, para ganhar um dos estágios remunerados, só tinha de se submeter a um «questionário» formal que a própria Annagret podia administrar-lhe antes de abandonar a cidade, Pip sentira-se tão lisonjeada – tão *desejada* – que prometeu responder ao questionário. Havia passado as últimas quatro horas a beber vinho rasca.

Na manhã seguinte, já sóbria, havia-se arrependido da sua promessa. Andreas Wolf e o seu Projeto estavam então a operar a partir da América do Sul, dado correrem na Europa e nos Estados Unidos vários mandados de captura contra ele por acusações de pirataria informática e espionagem, e para Pip estava evidentemente fora de questão deixar a mãe e ir viver para a América do Sul. Por outro lado, embora Wolf fosse um herói para alguns amigos seus e ela se sentisse moderadamente seduzida pela ideia que Wolf tinha de que o segredo era opressão e a transparência liberdade, não era uma pessoa de convicções políticas; na prática limitava-se a alinhar com Stephen, entregando-se a causas da mesma forma esporádica que se dedicava ao exercício físico. Além disso, o Projeto Luz Solar, e o fervor com que Annagret falara dele, levavam-na a pensar que talvez se tratasse de uma coisa tipo culto. Ainda por cima, como tinha a certeza de que se tornaria imediatamente evidente quando respondesse ao questionário, não era, nem de perto nem de longe, tão inteligente e bem informada como o seu discurso de cinco minutos sobre Israel a havia feito parecer. E por isso andara a fugir aos alemães até essa manhã, em que, quando saía para partilhar o *Times*

dominical com Jason, encontrara um bilhete de Annagret escrito num tom tão magoado que lhe tinha deixado outro à porta com a promessa de que falaria com ela à noite.

Agora, enquanto o estômago continuava a dar-lhe sinais de que estava vazio, esperava que houvesse alguma alteração na corrente de conversa em alemão que lhe indicasse que Annagret já não estava à porta da cozinha. Por duas vezes, como um cão à escuta de vozes humanas, Pip teve quase a certeza de que tinha ouvido o seu nome no decurso da conversa. Se estivesse com a cabeça no lugar, teria entrado decididamente na cozinha, anunciado que tinha um rapaz no quarto e não podia responder ao questionário, e subido para o quarto. Mas estava cheia de fome, e o sexo começava a assumir contornos de abstração.

Finalmente ouviu passos, o arrastar de uma cadeira na cozinha. Saiu do quarto de banho a correr, mas ficou com a bainha do roupão presa em qualquer sítio. Um prego numa tábua apanhada no lixo. Enquanto se desviava da tábua que ia a cair, surgiu-lhe por trás a voz de Annagret.

«Pip? Pip, ando há três dias à tua procura!»

Pip virou-se e viu Annagret avançar.

«Olá, pois é, desculpa», disse, apressando-se a endireitar a tábua, «agora não posso. Tenho... E se fosse amanhã?»

«Não», disse Annagret, com um sorriso, «vem agora. Vem, vem, como prometeste.»

«Mm.» Pip estava com dificuldade em raciocinar. A cozinha onde estavam os alemães era também onde estavam os flocos e o leite. Não seria melhor comer alguma coisa antes de voltar para junto de Jason? Não ficaria mais forte, mais reativa e enérgica, se pudesse comer primeiro uns flocos de aveia? «Dá-me só um segundo para ir lá acima», disse. «Um segundo, OK? Prometo que volto já.»

«Não, vem, vem agora. Só demora uns minutos, dez minutos. Vais ver que é divertido, é só seguir um formulário. Vem. Estamos à tua espera a noite inteira. Vens agora, já?»

A bela Annagret fez-lhe um sinal. Pip percebeu o que Dreyfuss queria dizer quando se referia aos alemães; e no entanto era um alívio

receber ordens de alguém. Além do mais, já estava há tanto tempo cá em baixo que seria desagradável ir lá acima pedir a Jason um pouco mais de paciência, e já tinha uma vida tão cheia de coisas desagradáveis que havia adotado a estratégia de retardar o mais possível o confronto com elas, mesmo quando esse retardamento aumentava as possibilidades de serem ainda mais desagradáveis quando deparasse com elas.

«Querida Pip», disse Annagret, afagando-lhe o cabelo enquanto ela, sentada à mesa da cozinha, comia uma grande tigela de flocos de aveia sem grande vontade de que lhe afagassem o cabelo. «Obrigada por fazeres isto por mim.»

«Mas tem de ser rápido, OK?»

«É, sim, vais ver. Só temos de seguir um formulário. Fazes-me lembrar muito de mim quando tinha a tua idade e procurava um propósito na vida.»

Pip não ligou ao que ela disse. «OK», disse. «Desculpa a pergunta, mas o Projeto Luz Solar é algum culto?»

«Culto?» Martin, barba rala e *keffiyeh* palestino, riu-se da outra ponta da mesa. «Só se for culto da personalidade.»

«*Ist doch Quatsch, du*», disse Annagret com alguma veemência. «*Also wirklich.*»

«Desculpa, que disseste?»

«Disse que ele estava a dizer parvoíces. O Projeto é o oposto de um culto. Defende a honestidade, a verdade, a transparência, a liberdade. Os governos que têm o culto da personalidade são aqueles que o odeiam.»

«Mas o Projeto tem um chefe muito carismático», disse Martin.

«Carismático?», disse Pip.

«Carismático. Dito por mim parece *arismético*. O Andreas Wolf é muito carismático.» Martin riu-se outra vez. «Isto podia figurar num manual de vocabulário. Como usar a palavra “carismático” numa frase. “O Andreas Wolf é muito carismático.” Assim, a frase faz imediatamente sentido, sabe-se logo o que a palavra significa. Ele é a própria definição da palavra.»

Dava a impressão de que Martin estava a espicaçar Annagret e Annagret não estava a achar graça; e Pip percebeu, ou pensou

ter percebido, que Annagret tinha dormido com Andreas Wolf em dada altura do passado. Era no mínimo dez anos mais velha do que Pip, talvez quinze. De uma capa de plástico translúcido, um acessório de escritório com ar europeu, tirou umas folhas ligeiramente mais compridas e mais estreitas do que as americanas.

«Quer dizer então que tu és uma espécie de recrutadora?», perguntou Pip. «Viajas com o questionário?»

«Sim, tenho autoridade», disse Annagret. «Autoridade não, rejeitamos a autoridade. Sou uma das pessoas que fazem isto para o grupo.»

«É para isso que estás nos Estados Unidos? É uma viagem de recrutamento?»

«A Annagret é *multitarefa*», disse Martin com um sorriso que conseguia ser simultaneamente admirativo e provocador.

Annagret disse-lhe que saísse e a deixasse sozinha com Pip, e ele saiu com destino à sala de estar, pelos vistos ainda na serena ignorância de que Dreyfuss não gostava de o ter por perto. Pip aproveitou para se servir de mais uma tigela de flocos; estava pelo menos a responder à pergunta sobre alimentação.

«Tenho uma boa relação com o Martin, mas ele é ciumento», explicou Annagret.

«Tem ciúmes de quê?», disse Pip enquanto comia. «Do Andreas Wolf?»

Annagret abanou a cabeça. «Eu fui muito próxima do Andreas, durante muito tempo, mas isso foi alguns anos antes de conhecer o Martin.»

«Então eram muito novos.»

«O Martin tem ciúmes das minhas amigas. Não há nada mais ameaçador para um alemão, mesmo sendo bom homem, do que as mulheres serem amigas íntimas umas das outras nas suas costas. Fica mesmo transtornado, como se fosse uma falha no modo como o mundo deve ser. Como se nós fôssemos descobrir todos os seus segredos e tirar-lhe o poder, ou deixássemos de precisar dele. Vocês também têm esse problema?»

«Receio bem que, no meu caso, os ciúmes estejam mais do meu lado.»

«Bem, é por isso que o Martin tem ciúmes da Internet, porque é a minha principal forma de comunicação com as minhas amigas. Tenho muitas amigas que nem sequer conheço pessoalmente – amigas de verdade. *E-mail*, redes sociais, fóruns. Sei que às vezes o Martin vê pornografia, não temos segredos um para o outro, e se não visse talvez fosse o único alemão que não o fazia – acho que a pornografia foi inventada para os homens alemães, porque eles gostam de estar sozinhos e controlar tudo e ter fantasias de poder. Mas ele diz que só vê por eu ter tantas amigas na Internet.»

«O que de facto talvez não passe de porno para mulheres, claro», disse Pip.

«Não, tu só pensas isso porque és jovem e talvez não precisas tanto da amizade.»

«Então alguma vez pensaste em passar a andar só com mulheres?»

«Atualmente na Alemanha as coisas estão muito más, tanto com homens como com mulheres», disse Annagret, o que de certo modo equivalia a um não.

«Acho que o que eu estava a tentar dizer era que a Internet é boa para satisfazer necessidades à distância. Sejam masculinas ou femininas.»

«Mas a necessidade de amizade das mulheres é realmente satisfeita na Internet, não é uma fantasia. E como o Andreas compreende o poder da Internet, o muito que ela pode significar para as mulheres, o Martin também tem ciúmes dele – por causa *disso*, não por eu ter sido íntima do Andreas no passado.»

«Percebo. Mas se o Andreas é um chefe carismático é ele quem tem o poder, o que para mim significa que, na tua opinião, é um homem como os outros.»

Annagret abanou a cabeça. «O que é fantástico no Andreas é que sabe que a Internet é o mecanismo de circulação da verdade mais importante de todos os tempos. E o que é que isso nos diz? Que de facto, na sociedade, tudo gira à volta das mulheres, não dos

homens. Os homens estão todos a olhar para imagens de mulheres, e as mulheres estão todas a comunicar com outras mulheres.»

«Acho que estás a esquecer o sexo homossexual e os vídeos de sexo com animais», disse Pip. «Mas talvez agora possamos tratar do questionário, não achas? Acontece que tenho lá em cima um rapaz à minha espera, por isso é que estou só em roupão e sem nada por baixo, para o caso de teres estranhado.»

«Neste momento? Lá em cima?» Annagret ficou alarmada.

«Pensei que ia ser só um questionário rápido.»

«Ele não pode vir noutra noite?»

«É exatamente isso que estou a tentar evitar.»

«Então vai lá dizer que só precisas de uns minutos, dez minutos, com uma amiga. Assim não tens de ser tu a ciumenta desta vez.»

Annagret piscou-lhe o olho, o que para Pip era uma verdadeira façanha, pois não tinha jeito nenhum para piscadelas de olho, que eram o contrário do sarcasmo.

«Acho que o melhor é aproveitares enquanto aqui estou.»

Annagret garantiu-lhe que não havia respostas certas ou erradas ao questionário, o que Pip não acreditou que fosse verdade, caso contrário para que haviam de fazer as perguntas se não havia respostas erradas? Mas a beleza de Annagret era tranquilizadora. De frente para ela à mesa, Pip tinha a impressão de que estava a ser entrevistada para o papel de Annagret.

«*Qual dos seguintes é o melhor superpoder que se pode ter?*», leu Annagret. «*Voar, ser invisível, ler a mente das pessoas ou fazer o tempo parar para todos exceto para o próprio.*»

«Ler a mente das pessoas», disse Pip.

«É uma boa resposta, mesmo não havendo respostas certas.»

O sorriso de Annagret era tão quente que se podia tomar banho nele. Pip ainda tinha saudades da faculdade, onde fora boa na resposta a testes.

«*Por favor explique a sua escolha*», leu Annagret.

«Porque não confio nas pessoas», disse Pip. «Até a minha mãe, em quem confio, tem coisas que não me conta, coisas verdadeiramente importantes, e seria bom ter uma forma de as descobrir sem

ter de ser ela a contar-mas. Eu ficava a saber aquilo que precisava de saber, e ela não ficava com problemas. E depois, com todas as outras pessoas, literalmente todas, nunca posso ter a certeza daquilo que estão a pensar a meu respeito, e acho que não tenho muito jeito para adivinhar o que é. Portanto, seria bom entrar-lhes na cabeça, só durante um ou dois segundos, e verificar se está tudo bem – ter a certeza de que não estão a pensar a meu respeito coisas horríveis das quais eu não faço a mínima ideia – e a partir daí poder confiar nelas. Não abusaria dessa faculdade. Só que é muito duro nunca confiar nas pessoas. Obriga-me a um grande trabalho para imaginar o que querem de mim. Chega a ser muito *cansativo*.»

«Oh, Pip, quase podíamos ficar por aqui. O que estás a dizer é fantástico.»

«Achas mesmo?», disse Pip com um sorriso triste. «Estás a ver, mesmo assim pergunto-me o que te leva a dizer isso. Talvez só queiras que eu continue a responder ao questionário. Já agora, também me pergunto porque é que estás tão empenhada em que eu o faça.»

«Podes confiar em mim. É só porque estou impressionada contigo.»

«Estás a ver, mas isso não faz sentido nenhum, porque eu não sou uma pessoa que cause grande impressão. Não sei grande coisa sobre armas nucleares, por acaso sabia alguma coisa sobre Israel. Não confio nada em ti. Não confio em ti. Não confio nas pessoas.» Pip começava a ruborizar. «Agora tenho mesmo de ir para cima. Sinto-me mal por deixar o meu amigo sozinho.»

Esta devia ter sido a deixa para Annagret a deixar ir, ou pelo menos para pedir desculpa por estar a retê-la, mas não parecia que apanhar deixas fosse o forte de Annagret (seria uma característica dos alemães?). «Temos de seguir o formulário», disse. «É só um formulário, mas temos de o seguir.» Deu uma palmadinha na mão de Pip e a seguir fez-lhe um afago. «É rápido.»

Pip não percebia por que razão Annagret estava sempre a afagá-la.

«Os seus amigos estão a desaparecer. Não respondem a mensagens de telemóvel, nem ao Facebook, nem atendem o telefone. Fala com os patrões deles, que dizem que eles não têm ido trabalhar. Fala com os pais deles, que dizem que

estão muito preocupados. Vai à polícia, onde lhe dizem que investigaram e os seus amigos estão bem mas vivem agora em diversas cidades. Ao fim de algum tempo, todos os seus amigos desapareceram. Que faz nessa altura? Espera até desaparecer também, para descobrir o que aconteceu aos seus amigos? Tenta investigar? Foge?»

«São só os meus amigos que estão a desaparecer?», disse Pip.
«As ruas continuam cheias de pessoas da minha idade que não são minhas amigas?»

«Sim.»

«Sinceramente, penso que ia a uma psiquiatra se isso me acontecesse.»

«Mas a psiquiatra fala com a polícia e chega à conclusão de que tudo o que você disse é verdade.»

«Bom, sendo assim, ao menos tinha uma amiga – a psiquiatra.»

«Mas depois a psiquiatra também desaparece.»

«Esse cenário é completamente paradoxal. Parece saído da cabeça do Dreyfuss.»

«Espera, investiga ou foge?»

«Ou mato-me. E se eu me matasse?»

«Não há respostas erradas.»

«Provavelmente ia viver com a minha mãe. Não a perdia de vista. E se, mesmo assim, ela desaparecesse, provavelmente matava-me, porque por essa altura seria evidente que ter qualquer tipo de relação comigo não era bom para a saúde de ninguém.»

Annagret sorriu mais uma vez. «Excelente.»

«O quê?»

«Estás a ir muito, muito bem, Pip.» Debruçou-se sobre a mesa e pousou as mãos, as mãos quentes, nas faces de Pip.

«Dizer que me matava é a resposta certa?»

Annagret retirou as mãos. «Não há respostas erradas.»

«Assim é mais difícil sentir-me satisfeita por estar a ir bem.»

«Qual das seguintes coisas fez alguma vez sem autorização: entrar na conta de e-mail de outra pessoa, ler coisas no ecrã do telemóvel de outra pessoa, pesquisar o computador de outra pessoa, ler o diário de outra pessoa, escutar uma conversa privada quando alguém liga para si por engano, obter informações

sobre outra pessoa servindo-se de pretextos falsos, encostar o ouvido a uma parede ou a uma porta para escutar uma conversa, ou outra coisa parecida.»

Pip franziu a testa. «Posso saltar uma pergunta?»

«Podes confiar em mim.» Annegret afagou-lhe mais uma vez a mão. «É melhor responderes.»

Pip hesitou e depois confessou: «Já vasculhei todos os papéis da minha mãe. Se ela tivesse um diário, tê-lo-ia lido, mas não tem. Se tivesse uma conta de *e-mail*, teria entrado nela. Já pesquisei na Internet todas as bases de dados que conseguia imaginar. Não acho bem, mas ela não me diz quem é o meu pai, não me diz onde nasci, nem sequer me diz qual é o seu nome verdadeiro. Diz que faz isso para minha proteção, mas eu acho que o perigo está só na cabeça dela.»

«São coisas que precisas de saber», disse Annagret em tom grave.

«Pois são.»

«Tens direito a sabê-las.»

«Pois tenho.»

«Tens noção de que são coisas que o Projeto Luz Solar te pode ajudar a descobrir?»

O coração de Pip disparou, não só porque de facto isso não lhe tinha ocorrido, e a perspetiva era assustadora, mas principalmente porque tinha a sensação de que estava em marcha uma verdadeira operação de sedução, uma sedução da qual todos os contactos físicos feitos por Annegret eram um mero prelúdio. Retirou a mão e cruzou os braços nervosamente.

«Pensava que o Projeto tratava de segredos de empresas e de segurança nacional.»

«Sim, claro. Mas o Projeto tem muitos recursos.»

«Quer dizer que eu posso, digamos, escrever para lá a pedir as informações?»

Annagret acenou que não. «Não é uma agência de investigação particular.»

«Mas se eu fosse de facto fazer um estágio.»

«Sim, claro.»

«Bem, isso é interessante.»